

ENTRE MANUSCRITOS E A IMPRENSA: IDEIAS, LIVROS E PODER NO SUL DE MINAS GERAIS, ENTRE OS SÉCULOS XVIII E O XIX

BETWEEN MANUSCRIPTS AND THE PRESS: BOOKS, IDEAS AND POWER IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS, BETWEEN THE CENTURIES XVIII AND XIX

Beatriz Souza Lima ALVES¹

Sabrina Maria Botelho SILVA²

Josué Humberto BARBOSA³

RESUMO

Os diferentes aspectos e a relevância da leitura para a educação, sociabilidade, organização econômica e, sobretudo, para o poder político na região do Sul de Minas entre os séculos XVIII e XIX, são os temas principais deste artigo. Analisados sob a ótica da História Cultural, contextualizados entre o auge da mineração e a constituição do Estado brasileiro, esses temas distinguiram o Sul de Minas Gerais devido à emergência de uma classe dominante nacional de comerciantes e proprietários de terras; diante de uma estreita relação interprovincial, cultural e econômica, com a capital do país; devido ao pioneirismo no desenvolvimento da imprensa; em estabelecer uma ampla circulação de ideias e valores sobre comportamentos sociais e econômicos e, enfim, devido ao fato da região passar a ser referência nacional para o abastecimento de gêneros de primeira necessidade.

Palavras-chave: Manuscritos. Imprensa. Ideias. Poder. Sul de Minas Gerais

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras – MG, Brasil. Email: beatriz.limaalves@hotmail.com.

² Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras – MG, Brasil; integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação – GIEPHE; Email: mbssabrina@gmail.com.

³ Doutor pela Universidad de Salamanca – USAL; Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – DED/UFLA. Lavras – MG, Brasil, josue.barbosa@ded.ufla.br.

ABSTRACT

The different aspects and relevance of the reading for education, sociability, economic organization and, above all, for the political power in the South of Minas region between the XVIII and XIX centuries, are the main topics of this article. Analyzed from the perspective of Cultural History, contextualized between the peak of mining and the Brazilian State constitution, these themes distinguished the south of Minas Gerais: due to the emergence of a national ruling class of traders and landowners; before a strait interprovincial, cultural and economic relation, with the capital of the country; due to the pioneering in the development of the press; establishing a wide circulation of ideas and values about social and economic behaviors and, finally, due to the fact that the region becomes a national reference for the supply of basic necessities.

Keywords: Manuscripts. Press. Ideas. Power. South of Minas Gerais.

1 INTRODUÇÃO

Os diferentes aspectos e a relevância da leitura para a educação, sociabilidade, organização econômica e, sobretudo, para o poder político na região do Sul de Minas, entre o século XVIII e XIX, são os temas principais deste artigo. Analisados sob a ótica da História Cultural, contextualizados entre o auge da mineração e a constituição do Estado brasileiro, esses temas distinguiram o Sul de Minas Gerais devido à emergência de uma classe dominante nacional de comerciantes e proprietários de terras; diante de uma estreita relação interprovincial, cultural e econômica com a capital do país; devido ao pioneirismo no desenvolvimento da imprensa; em estabelecer uma ampla circulação de ideias e valores sobre comportamentos sociais e econômicos; enfim, devido ao fato da região passar a ser referência nacional para o abastecimento de gêneros de primeira necessidade.

A estratégia fundamental para auferir esse reconhecimento foi, por excelência, a publicação de inúmeros jornais e, não menos importante, mas em menor escala, a difusão de livros, manifestos reivindicatórios, organizações de diretórios político-ideológicos, enfim, um conjunto de ações públicas a partir da escrita e da leitura caracterizando a transição da produção de manuscritos à imprensa.

Através dessa produção simbólica, manuscrita e impressa, ideias passaram a circular, local e nacionalmente, expressando a luta secular pelo reconhecimento político da elite regional do Sul de Minas, em função de um poder econômico consolidado, entre o final do século XVIII e metade do século XIX, a partir do seu enraizamento social na capital da Colônia e posterior Corte imperial brasileira.

Nesse sentido, buscamos caracterizar diversos contextos locais de poder nacional, analisando diferentes possibilidades de práticas de leitura, em diferentes suportes escritos, manuscritos e livros em circulação no Brasil e no Sul de Minas Gerais, folhetos e jornais impressos, relatos de viajantes e cartas particulares.

Estas práticas, em diálogo com as referências teórico-metodológicas da História Cultural, tornaram-nos possível identificar leituras estéticas a partir de diferentes sensibilidades estabelecidas entre o leitor, o autor e a obra, possíveis de serem compreendidas quando analisamos o contexto histórico, político, social e econômico regional de sua realização.⁴

Analisamos também que o modo com que a apropriação da leitura, as relações e a mediação ocorrem, são de suma relevância para o desenvolvimento de uma região. Em conclusão, avaliamos a relevância e a apropriação da leitura e da imprensa enquanto fontes primordiais para a história da educação e, conseqüentemente, para a revalorização e reescrita históricas.

2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PODER NO SUL DE MINAS GERAIS

Entre os séculos XVIII e início do XIX, Minas Gerais foi uma importante região norteadora do desenvolvimento brasileiro devido à exploração aurífera e, conseqüentemente, do desenvolvimento de atividades social, cultural e política.

Internamente, sobre esse período consolidou-se o imaginário de uma região que estava polarizada entre as áreas metalizadas, circuito do ouro e distrito diamantino, e suas áreas marginais, abastecedoras de alimentos e demais produtos básicos ao funcionamento da mineração. Inclusive, tornou-se clássico, na historiografia brasileira, debates sobre as causas e/ou fatores responsáveis pela continuada riqueza de Minas Gerais entre a decadência da mineração, metade do século XVIII, e o fim da escravidão, final do século XIX.⁵

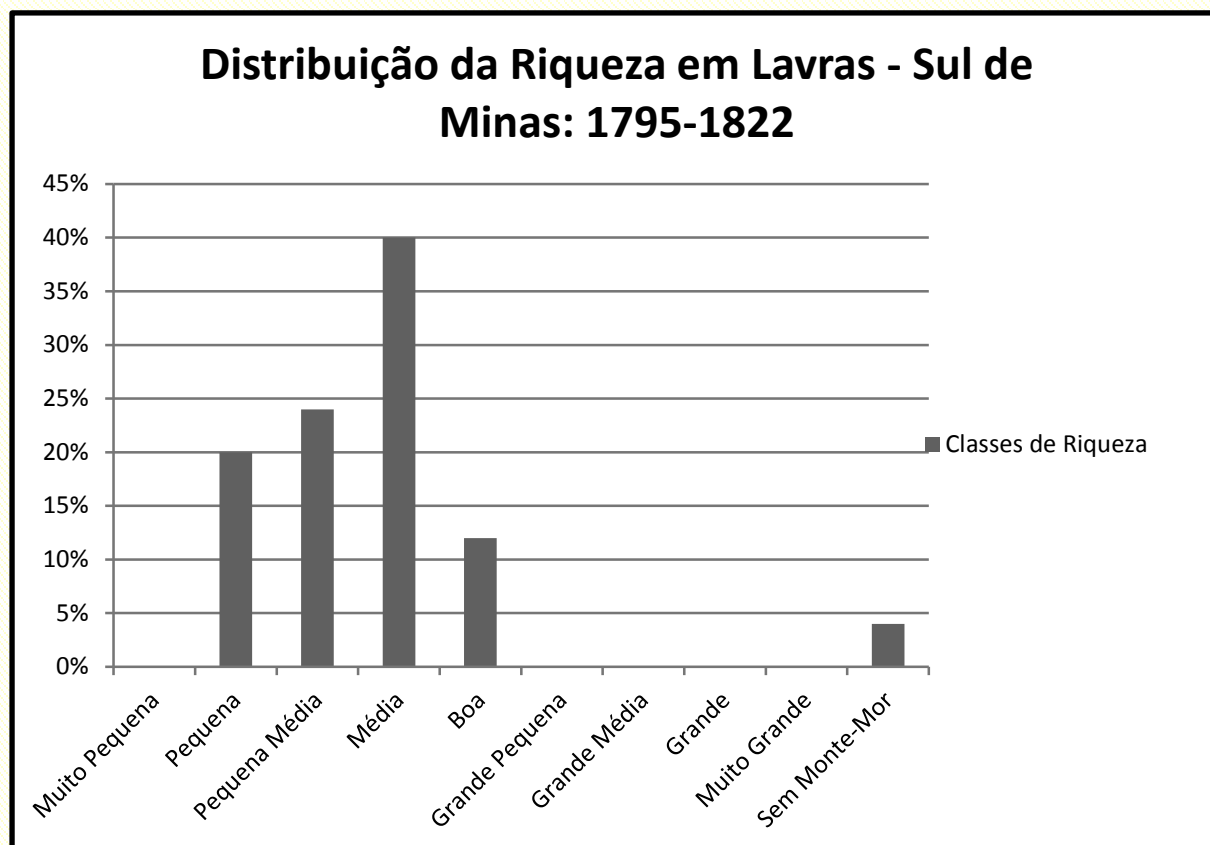
Entretanto, mesmo contando ainda com poucos estudos de largo alcance histórico, já podemos inferir que o Sul de Minas possuiu um desenvolvimento econômico, político e social diferenciado, que tanto permite questionar a interpretação de ter sido uma área marginal à

⁴ Robert Darton. **A leitura Rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII**, in: Roger Chartier e Pierre Bourdieu. **Práticas de leitura**. 5ª Ed., São Paulo, Estação Liberdade, 2011, pp. 148-51.

⁵ Robert Slenes. **Os Múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no séc. XIX**. Campinas, Cadernos IFCH/Unicamp, nº. 10, 1985.

produção aurífera como questionar a interpretação de que uma economia voltada para o mercado interno não poderia gerar acumulação expressiva de capitais.

O gráfico abaixo, construído a partir de dados constantes em 50 inventários de famílias *post-mortem* de Lavras, entre a última década do século XVIII e a Independência do Brasil, evidencia esses posicionamentos.



Essa ascensão econômica entre outras regiões brasileiras foi especialmente importante devido à produção agrícola, esta em função de uma série de fatores, como condições naturais favoráveis, abundância de águas e com extensos rios perenes, excelente distribuição pluviométrica e forragem privilegiada.⁶

Essa importância ambiental correlaciona ascensão econômica de uma classe dominante em âmbito nacional; concentração de poder através de posse da terra; produção de

⁶ Alcir Lenharo. **As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação do Brasil – 1808-1842**. São Paulo, Símbolo, 1979, p. 74.

gêneros de subsistência; geração de excedentes; e poder mercantil através do estabelecimento de uma enorme rede de distribuição.

A ascensão dos níveis de vida social e econômica dos proprietários do Sul de Minas bem como a proximidade desta região com a Capital e com São Paulo, onde passou a funcionar a Faculdade de Direito, possibilitaram à camada proprietária daquela região um desempenho político, relevante na etapa posterior à Independência.⁷

Essa ascensão de proprietários no Sul de Minas é concomitante a ascensão dos tropeiros que, em efeito, trata-se de uma mesma pessoa.

Quando viaja a caminho de Barbacena, acompanhado de um tropeiro, Luccock, tomando-o como uma pessoa de menor consideração social, surpreendeu-se ao saber que o tropeiro era dono de uma propriedade, onde o viajante fora convidado para ficar hospedado; mais ainda: soube depois que o tropeiro tinha comprado uma outra propriedade que passaria para o filho, quando este se casasse, o que vinha demonstrar o quanto ele era bem sucedido nos seus negócios.⁸

Nesse contexto socioeconômico fica evidenciada a projeção social e política dos sitiantes e tropeiros desde as últimas décadas do século XVIII. Essa projeção relacionava a capacidade de acumular capitais e sua importância para a circulação de ideias, retroalimentando o poder econômico e social do proprietário/tropeiro/economista.

Numa época de extrema carência de informações, a palavra recente do tropeiro significava a veiculação mais atualizada das novidades que procediam do mundo da Corte.

Exercia também função capital junto dos proprietários do interior, a quem punha a par das variações comerciais do momento, funcionando como seu conselheiro de negócios. A presença estratégica que ocupava na vida comercial exigia do tropeiro um aperfeiçoar constante que garantisse o bom desempenho de funções.⁹

Área com expressiva geração de capitais e pujança econômica, o Sul de Minas Gerais, desde o século XVIII, constituiu-se, assim, como área que acumulava capital simbólico a partir da constituição e a busca de projeção local e nacional de sua elite política.

⁷ Alcir Lenharo. **As tropas da moderação**, op. cit., p. 115.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 108.

⁹ *Idem, ibidem*.

O Sul de Minas, principal núcleo produtor, contribuiu decisivamente para a composição social e política deste grupo [primeiro grupo apontado, abastecedor do mercado carioca]. Mas ele era também extensivo a outras regiões mineiras, paulistas e fluminenses, onde, por sinal, torna-se difícil, às vezes, precisar os limites entre produção mercantil de subsistência e produção mercantil típica de exportação.¹⁰

Esse capital simbólico, poder político local e nacional, que aqui foi evidenciado por atividades complementares do proprietário/tropeiro/economista e agora político, foi possível pela formação de uma classe letrada. Esta, associando formação escolar, autodidata e intelectual a partir de uma família de um professor e proprietário de livraria no Rio de Janeiro, se desenvolverá no Sul de Minas, influenciando na circulação de livros, manuscritos e, sobretudo, pela imprensa. Veículo difusor das ideias e interesses de poder, a publicação de jornais gradativamente possibilitou à elite local ganhar relevância, interna e nacionalmente, na medida em que ela contribuiu decisivamente para esse grupo exercer o poder político na Corte no Rio de Janeiro, ao ponto de iniciar uma intensa campanha política de separação da província de Minas Gerais, através do projeto político de criação de uma nova província, denominada Minas do Sul, esta que se estenderá por todo o século XIX.

2.1 Entre manuscritos e a imprensa: o pioneirismo mineiro

A proibição de tipografias no Brasil geralmente é compreendida como inibidora da circulação de ideias, valores, conhecimentos e impeditiva da formação intelectual brasileira. Objetivando proteger os interesses coloniais, Portugal havia estipulado o segredo absoluto sobre suas riquezas. Esse processo se estendeu até 1808, mas foi reforçado durante o século XVIII com algumas legislações que impediam a realização de impressos, que, em geral, determinava o confisco das oficinas montadas sem autorização. Entre os motivos elencados, além dos já esboçados, outros podem ser considerados primordiais, a partir das análises da legislação.¹¹

[...]. (1) os custos de impressão seriam maiores na colônia do que no Reino; (2) a exigência de obter licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino tornaria moroso e dispendioso o processo de edição; (3) esses aspectos vinham favorecer as tipografias metropolitanas, que poderiam confeccionar todo o material

¹⁰ *Idem, Ibidem*, p. 30.

¹¹ José Marques de Melo. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. 2ª. ed., Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003, p. 103.

necessário à colônia e providenciar também a liberação daqueles trabalhos cuja circulação dependesse de autorização expressa dos órgãos censórios.¹²

Todavia, essas proibições não impediam a circulação de livros, manuscritos e impressos, bem como de papel, inclusive em resmas, para a produção de relatórios, inventários, documentos e textos, estes que possibilitaram a circulação de ideias no Sul de Minas Gerais.¹³

Entretanto, mais esclarecedor foi o fato de que Minas Gerais subverteu as determinações da coroa portuguesa sobre a impressão de livros e, em 1806 ou 1807, fez publicar o primeiro impresso no Brasil.

Assim sendo, antes da criação da Imprensa Régia, em 1808, o padre mineiro José Joaquim Viegas de Menezes imprimiu um poema de 14 páginas, utilizando a técnica da calcografia.

O texto, um manuscrito, era um poema de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos homenageando o então governador da província Pedro Maria Xavier de Athayde e Melo, no dia de seu aniversário. Este, se sentindo exaltado quis ver o texto impresso para sua maior difusão, mesmo sendo alertado pelo padre Viegas, que se lembrou da proibição da atividade de imprensa e das punições a quem ousava descumpri-la. Mas o governador garantiu que assumiria toda a responsabilidade pelo feito e buscava agilidade no processo, não o remetendo para Lisboa, pois a viagem era demorada e só havia um navio por ano para Portugal.

¹² *Idem, Ibidem*, pp. 100-01.

¹³ O contratador de impostos João Rodrigues de Macedo, com fecunda história em Minas Gerais, sobretudo pelo envolvimento com os inconfidentes, também se destacou nas relações que estabelece com a Universidade de Coimbra, para onde envia e mantém estudantes, bem como na participação organizativa da vila de Campanha na década de 1790; Paulo Miguel Moreira da Fonseca. **João Rodrigues de Macedo: o contratador e sua espiral de poder no setecentos mineiro**. Anpuh, XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005, pp. 6-7; Domingos Pereira do Amaral Coutinho. **Carta a João Rodrigues de Macedo tratando a criação da Vila de Campanha da Princesa**. Lisboa, 30/04/1799. 02 p. Original. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital; José Joaquim Carneiro de Miranda da Costa. **Carta a João Rodrigues de Macedo solicitando que ceda algumas casas para auxiliar a estruturação da Campanha do Rio Verde em vila, com a nova denominação de Campanha da princesa**. Lisboa, 02/01/1799. 02 p. Original. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital; Domingos José Gomes. **Carta a João Rodrigues de Macedo informando que os livros solicitados e outros gêneros foram enviados, entre outros assuntos**. Registro do Caminho Novo, 24/01/1776. 03 p. Original. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital; Bento Gomes. **Carta a João Rodrigues de Macedo informando ter enviado para Matias Barbosa as 02 resmas de papel e os três livros solicitados, entre outros assuntos**. Rio de Janeiro, 14/01/1776. 04 p. Original. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital; Tomás Pereira Cabras. **Carta a Bento Rodrigues de Macedo em que pede assistência ao seu filho que é estudante, e agradece a ajuda de uma certa quantia**. Congua, 1780. 02 f. Cópia. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital; **Cartas que vieram de Coimbra escritas destas minas para assistência de estudantes que vai ser dada por Bento Rodrigues de Macedo**. Coimbra: Portugal, 1790. 04 p. Cópia. Manuscrito. Coleção Casa dos Contos, BNDigital.

Com isso, surgiu a primeira impressão no Brasil a partir de Minas Gerais, reconhecida pelos historiadores, pois o padre Viegas há anos já fazia algumas impressões de estampas religiosas e se constituía em um exímio tipógrafo, formado nas melhores tipografias portuguesas.

2.2 A imprensa e a formação intelectual da elite do Sul de Minas

Entre o século XV, contexto da criação da imprensa na Europa, e 1808, contexto de criação da Imprensa Régia, período em que o Brasil conviveu com diversos tipos de impressos clandestinos, como as tipografias e impressões, provavelmente, de gravuras, obras, panfletos através de diferentes técnicas, como a xilografia, calcografia, serigrafia.

Com a chegada da família real ao Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808, D. João VI assina o decreto que cria a Imprensa Régia. Todavia, a chegada da imprensa no Brasil não correspondeu à efetiva chegada da liberdade de expressão.¹⁴

As novas ideias que surgiram nesse cenário eram de liberalismo econômico e cientificismo em uma estranha conciliação com o absolutismo político. Ou seja, a censura de quaisquer ideias contrárias ao poder real perdurará até 1821, quando então D. João VI assina um decreto que suspende provisoriamente a censura prévia de impressos em geral, instalando a partir daí a liberdade de imprensa e momento em que emerge o redator panfletário, um difusor de ideias e de sentimentos nacionais que publica alguns livros ou impressos de ataque ou apoio a determinadas pessoas públicas. Nesse cenário, entre os séculos XVIII e o XIX, nasce a primeira geração de redatores brasileiros, contexto em que surgem as chamadas gazetas, panfletos e pasquins, folhas avulsas circuladas anonimamente e sem continuidade.¹⁵

Nesse contexto o comércio de impressos é ampliado com a difusão de tipografias e livrarias, como a de Francisco Luís Saturnino Veiga, pai de Evaristo da Veiga, futuro redator do jornal **A Aurora Fluminense**, e de seus irmãos Bernardo Jacintho da Veiga e Lourenço Xavier da Veiga, fundadores de vários jornais em Campanha. Enfim, família que constituirá a denominada elite intelectual, econômica e política do Sul de Minas.

O personagem central nessa formação cultural é o patriarca Francisco Veiga, pois grande foi sua influência sobre seus filhos. Tirânico, tanto no recesso da casa como de primeiro

¹⁴ Wilson Martins. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1996, p. 306-7.

¹⁵ *Idem, ibidem*, pp. 34-8.

mestre, atuou sobre os sentimentos, imaginação, inteligência, perspicácia e, em síntese, possibilitou a formação educacional integral de seus filhos, pois mesmo que Evaristo não tenha cursado a universidade tornou-se um dos intelectuais mais influentes na constituição do Império brasileiro. Censor, mestre-escola, e proprietário de uma livraria na Rua da Alfândega, proporcionou aos filhos desenvolver, além do amor aos livros, diferentes práticas de leitura.¹⁶

Especificando as competências inscritas nas práticas de leitura, podemos distinguir assim três níveis compreensivos, o sensorial, o emocional e o racional. Níveis que se distinguem no contexto da formação da família Veiga pela interligação entre os processos de descoberta do mundo, do país e das diferentes realidades que passam a vivenciar, dos sentimentos, em que se sentem atraídos por diferentes cenas da realidade e, sobretudo, pelas diferentes interligações que estabelecem com o conhecimento, relacionando experiência pessoal e construção do mundo. Processos construídos desde tenra idade ao manterem um diálogo constante com a palavra escrita, enfim, entre o leitor e o texto, construindo distâncias sensoriais e emocionais através da possibilidade do questionamento. Portanto, estabelecendo assim uma visão objetiva do processo de elaboração de materiais, formas, linguagens, temáticas e simbologias que tanto os diferenciaram na vida política imperial brasileira.¹⁷

Nesse sentido, o início da publicação de jornais no Sul de Minas coincide com o estabelecimento da família Veiga em Campanha, bem como, através na relação de jornais abaixo, foi destacada sua participação em publicações até o final do século XIX (jornais em negrito).

¹⁶ Otávio Tarquínio de Sousa. **História dos fundadores do Império do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2015, p. 16.

¹⁷ Maria Helena Martins. **O que é leitura**. 19ª ed., São Paulo, Brasiliense, 2010.

Relação de Jornais Publicados em Campanha entre 1832-1900

Período de Publicação	Nome	Fundador/Editor/Redator
1832-1837	OPINIÃO CAMPANHENSE	BERNARDO JACINTHO DA VEIGA
1854-1854	A NOVA PROVÍNCIA	LOURENÇO XAVIER DA VEIGA E OUTROS
1859-1863	O SUL DE MINAS	LOURENÇO XAVIER DA VEIGA E OUTROS
1864-1868	O SAPUCAHY	JOSÉ PEDRO XAVIER DA VEIGA E OUTROS
1865-1867	O PLANETA DO SUL	JOÃO BAPTISTA DE ARAUJO
1868-1869	RADICAL SUL MINEIRO	ANDRÉ MARTINS DE ANDRADE
1869-1871	O CONSERVADOR	FRANCISCO LUCIANO DE OLIVEIRA
1872-1896	MONITOR SUL MIENEIRO	BERNARDO SATURNINO DA VEIGA E OUTROS
1872-1878	O MONARCHISTA	FRANCISCO LUCIANO DE OLIVEIRA
1873-1885	COLOMBO	MANOEL DE OLIVEIRA ANDRADE
1873-1874	O SEXO FEMININO	FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ
1876-1877	SETE DE ABRIL	JOÃO BAPTISTA JACOME DE ARAÚJO
1879-1880	ATALAIA DO PROGRESSO	FRANCISCO LUCIANO DE OLIVEIRA
1880-1880	ATALAIA	JUVÊNCIO ELIAS DE SOUZA
1884-1884	AGUAS VIRTUOSAS	EUSTÁCHIO GARÇÃO ESTOCKLER
1885-1888	SUL DE MINAS	MANOEL IGNÁCIO GOMES VALLADÃO JÚNIOR
1890-1891	O NORMALISTA	ALUNOS DA ESCOLA NORMAL
1892-1894	MINAS DO SUL	MARTINIANO DA FONSECA E JOSÉ LUIZ POMPEU DA SILVA
1898-1899	PHALENA	ALUNOS DA ESCOLA NORMAL
1900-1935	A CAMPANHA	JOÃO BAPTISTA DE MELLO

Ressaltando assim a autonomia do leitor, diferencial nas práticas intelectuais e políticas da elite no Sul de Minas, diante dos mais de 30 jornais publicados no século XIX somente em Campanha, afirma-se a importância da leitura estética. Leitura que implica na criação de uma relação entre o sentido desejado e o sentido percebido e, em última instância, fundamentando as práticas sociais.¹⁸

Esse poder, assim compreendido, será utilizado para a afirmação da elite do Sul de Minas tanto internamente, na construção da identidade e dos movimentos separatistas da província de Minas, bem como para a penetração política e representativa na Corte durante o Período Imperial.

No Sul de Minas atuaram em Pouso Alegre *O Pregoeiro Constitucional* e *O Recopilador Mineiro*, sob a direção do padre José Bento. Em Campanha surgiu em 1832 o *Opinião Campanhense*, dirigido por Bernardo Jacintho da Veiga [...] realizavam um intercâmbio permanente de informações com o *Aurora*

¹⁸ Robert Darnton. **A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII**, op. cit., pp. 148-50. in: Roger Chartier e Pierre Bourdieu. 5ª ed., São Paulo, Estação Liberdade, 2011; ver também, Roger Chartier. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo, UNESP, 1998.

Fluminense, que centralizava e reorientava o fluxo informativo e formativo pretendido pelas lideranças moderadas na Capital.¹⁹

A partir dessa construção identitária econômica e política da região do Sul de Minas, os jornais e as associações locais iniciaram um movimento de separação da província de Minas Gerais, agrupando diferentes vilas e arraiais que se encontravam enfeixadas pelo rio Grande.

2.3 Ideias, poder, imprensa e a criação da província Minas do Sul

O movimento separatista visando criar a província Minas do Sul, desmembrando-se da província de Minas Gerais, já possui uma extensa bibliografia, entretanto poucos estudos associam esse movimento com a construção da identidade territorial local e, em geral, compreendem o início formal do movimento somente a partir das décadas de 1860 e 1870.

Esse movimento, que se estenderá até a década de 1890, necessita de revisitação histórica, pois em uma análise mais acurada, em relação à historiografia, um documento manuscrito, talvez inédito, demonstrando que o início do movimento, desde um ponto de vista formal, iniciou-se no ano de 1854, bem anterior aos movimentos ocorridos nas décadas seguintes.

Inicialmente, é importante relacionar um mapa da criação da vila da Campanha da Princesa, datado de 1798, que é cópia dos mapas constantes do livro de criação dessa vila. Esse mapa, cópia que se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino, mas sem o respectivo livro, feito a nanquim, estabelece uma relação direta entre território e identidade.²⁰

Essa relação identitária é compreendida pela relação que se pode realizar entre as localidades referidas no mapa e o primeiro documento exigindo a criação da província Minas do Sul, de 1854. Eis o conteúdo do diretório, marco das disputas políticas e sociais pela criação da nova província.²¹

O diretório abaixo assinado, incumbido pela reunião popular que houve nesta cidade, de promover a Provincialização das Comarcas do Sapocahy, Rio Verde, Três Pontas e o município de Lavras, dirige-se pessoalmente a V. Excia. [...] como representante da nação, V. Excia. acolherá [...] uma administração provincial.

¹⁹ Alcir Lenharo. *As tropas da moderação*, op. cit., pp. 122-24.

²⁰ Mappa de toda a extensão da Campanha da Princeza pelo Rio Grande, e pellos registros, que limitão a Capitania de Minas. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Códice 2166.

²¹ O Direito composto do Barão do Rio Verde e de Francisco de Paula Bueno da Costa pede a criação de uma província composta das comarcas do Rio Sapocahí, Rio Verde, Três Pontas e o município de Lavras, 1854. Campanha: Minas Gerais, Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort, manuscrito 60.

O diretório propõe a V. Excia., como limites, pelo lado da antiga Província de Minas, o Rio Grande, pelo lado da Província de São Paulo e Rio de Janeiro os mesmos atualmente existentes. Assim traçada a área da nova província contem ela a extensão de três mil léguas quadradas, onde se situam as três comarcas e o município de Lavras, composto de 47 freguesias paroquiais, que formam doze municípios habitados por 329 mil habitantes.

O diretório [...] crer que o pensamento generoso e altamente governamental de uma nova província ao sul de Minas, tendo por capital a cidade de Campanha, será acolhido por V. Excia. Cidade de Campanha, 1º de maio de 1854. Presidente e Barão do Rio Verde - Francisco de Paula B. da Costa.

Assim sendo, relacionando esse relato fundador da província Minas do Sul com o mapa abaixo vemos uma intrínseca relação entre identidades que se conformaram nessa região desde a criação da vila de Campanha, portanto desde 1798, e as demais regiões do Sul de Minas.

Nesse sentido, relacionando à circulação de livros e impressos no Brasil no século XVIII à instituição territorial do que seria mais tarde conhecido como o Sul de Minas, importante é conhecer os instrumentos dessa instituição, a saber, o **Livro de Criação da Vila da Campanha da princesa** e o mapa imaginado à época de sua extensão e conformação territorial, de 1788.²²

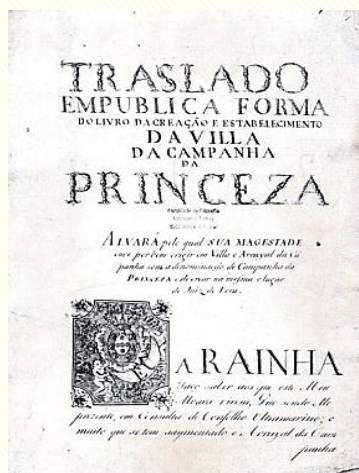


Figura 1 - Livro de Criação da Vila da Campanha da Princesa.

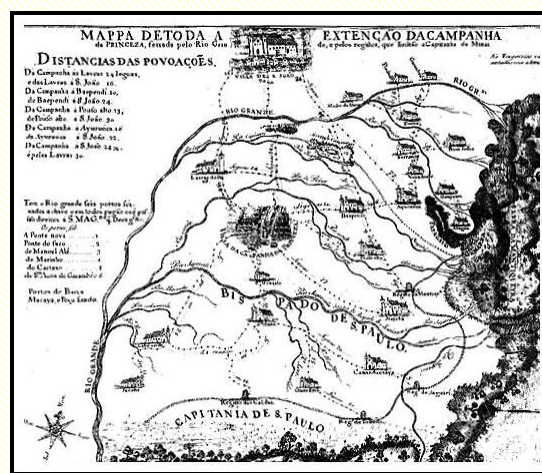


Figura 2 - Mapa de toda a extensão de Campanha.

Esse mapa inserto e/ou oriundo do livro de Campanha, provavelmente impresso originalmente em Minas, possibilita concluir o quão importante se constituía a relação entre ideias, livros e poder no Sul de Minas Gerais, entre os séculos XVIII e o XIX.

²² Esse traslado do livro da criação da Vila de Campanha, onde também se encontra o referido mapa, é uma cópia constante do acervo do Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort, órgão da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Campanha.

A antiguidade desse diretório e a apropriação simbólica da elite local desses elementos identitários regionais, instiga, no ano de 1854, a criação por Lourenço Xavier da Veiga e outros, o jornal **A Nova Província**, instrumento político de pressão pela criação da província Minas do Sul.²³

Esse processo iniciado em 1854 se estendeu até a década de 1890, ainda utilizando a imprensa como veículo principal de propaganda política. Nesse sentido, é criado em 1893 um novo jornal, intitulado **Minas do Sul**, tendo por redator-chefe José Luis Pompeu da Silva.

A análise de conteúdo desses dois jornais conclui as interpretações da importância da apropriação da leitura e da escrita na formação histórica do Sul de Minas Gerais.

A partir das ideias apresentadas nas edições do Jornal **A Nova Província** verificamos a importância que se dava às terras férteis do Sul de Minas Gerais, boas para o plantio, com abundância em gêneros alimentares e tecidos de algodão.

Em consequência, processos educacionais passaram desde logo a serem incentivados, visando à educação profissional voltada para a agricultura, na qual o Governo local já oferecia aulas primárias das ciências e artes úteis, valorizando a cultura sertaneja, a busca da liberdade e melhorias para o país como um todo.

Nesse sentido, é importante relacionar as ideias veiculadas nesses jornais, entre a década de 1850 e 1890, em que a força de uma elite e seu poder, a partir do Sul de Minas, circula interna e nacionalmente.

²³ Antônio Cândido de Rezende Filho. **A imprensa campanhense**. Campanha: Minas Gerais, Secretaria Municipal de Cultura, 1994, Série Campanhenses Ilustres, n. 3, p. 03.

Ideias de uma elite: Jornal *A nova Província* 1854

Ano	Contexto nacional	Contexto local	Ideias relacionadas ao poder econômico	Ideias relacionadas ao poder simbólico	Ideias relacionadas ao poder cultural	Ideias relacionadas à identidade local
1854- 04 de Outubro. Jr. 26- O senhor Dr. José Jorge despediu-se da questão.	Rio de Janeiro contra a deputação de Minas.	Cidade de Campanha. Adversário da ideia de uma administração provincial ao Sul de Minas e que voltasse às páginas do Jornal. Expectativa de uma nova província. Guerra sem quartel no Sul de Minas.	Divisão dos Governos de Minas. Governo solidário. Surgem projetos de uma nova Província mineira, porém, o governo rejeitou.	Ascensão de poder na publicidade por um talento vaidoso que tinha Dr. Jorge.	As letras e o amor a pátria.	Felicidade pela volta de Dr. José Jorge. Reuniões populares cartas e convites foram feitos pela população a favor de Dr. Jorge.
1854- 26 de outubro. Jr. 25 – A educação profissional para a lavoura.	Civilização brasileira ainda se firma sobre a lei do dever e moralidade pública e doméstica.	Cidade de Campanha. Progresso da moralidade pública. Falta de trabalho.	Dever de o governo fornecer educação.	Cobiça e egoísmo; Civilização e luxo.	Educação voltada para moralidade; Desespero por parte da burguesia pelas riquezas da terra e do ouro.	Melhor condição de desenvolvimento do homem na sociedade depende das facilidades; Bens e fortunas são indispensáveis e o trabalho é condição de toda prosperidade no local. Falta de trabalho.
1854: 10 de novembro. J. 27- As necessidades da agricultura	País rico em questões naturais.	Sul de Minas Gerais, cidade de Campanha. Sem colonização, Emigração colonial. Estão em época de crise que precisa ser encarada seriamente pelo governo.	Dever das sociedades e dos governos em educar o povo que habita a sociedade para alcançar a felicidade; Agricultura é a mais rendosa das indústrias; As minas não dão o lucro devido a partir do trabalho que se exige; emprego de máquinas é mais lucrativo do que o manual; Falta de vontade dos homens do governo para mudar esse cenário de crise e falta da educação profissional; Colonos chegam e já se preocupam com a economia.	Necessidades da civilização, luxo, bens e fortunas.	A riqueza que todos procuram, mas nem todos terão, depende da cultura que tem recebido a partir de sua inteligência; Desenvolvimento do pensamento intelectual e instrução em prol da agricultura; Necessidade da educação profissional para ascensão dos agricultores.	Falta de trabalho arrasta o homem para miséria e o crime; Homens pobres vão às minas de ouro para servir homens ricos; Falta de homem para o trabalho nas minas de ouro; Clima bom e condições favoráveis para plantação; Primeira fábrica produtiva de gêneros de fora foi montada na Vila de Minas.
1854: 30 de novembro. Jr.34- O jornalismo.	Revolução francesa.	Cidade de Campanha. Poder na mão do povo.	Jornal relacionado com o poder político; Governo nas mãos do povo; Criação do Sistema Nacional Representativo; Nascimento do jornalismo; Imprensa se manifesta em antagonismo com o governo.	Imprensa para disseminar ideias políticas.	Deus e seu mandato para governar o povo.	Imprensa é a tribuna do povo, ainda não requer as qualificações eleitorais: podem falar o moço, o velho, o rico, pobre, enfermeiro. Jornalismo, nesse período, nada censura ao governo.

1854-Jr. 23- Delenda Carthago	Já havia ocorrido a Revolução Francesa. Guerra e terror. Exércitos marcham em todas as direções; destruição de Carthago por Roma.	No Brasil, um governo próspero e calmo. A Providência resguardava Campanha do terror.	Política e governo tomam partido por um ou outro desses combatentes. Governo oferecia algumas imperfeitas aulas primárias no estudo das ciências e artes úteis.	Dava importância à lealdade e acreditavam que conseguiriam o poder agindo moralmente.	Cultura sertaneja; Amor à pátria; Agiam legalmente na busca pela liberdade e melhoria do país.	Tudo o que estava acontecendo pelo mundo todo, não afetava as 'aldeias' daquele povo; União dos moradores de Campanha; Terra farturosa. Buscavam melhora na agricultura; Abundância em gêneros alimentares, tecidos de algodão.
--------------------------------------	---	---	---	---	--	---

Ideias de uma elite: Jornal <i>Minas do Sul</i> 1893. Redator Chefe: José Luiz Pompeu da Silva						
Ano	Contexto nacional	Contexto local	Ideias relacionadas ao poder econômico	Ideias relacionadas ao poder simbólico	Ideias relacionadas ao poder cultural	Ideias relacionadas a identidade local
1893	Ano da Revolução Federalista;	Desenvolvimento industrial e agrícola do estado de Minas; Movimento separatista da região sul do resto de Minas Gerais; Fortalecimento do Partido Republicano no estado;	Indignação com o aumento da arrecadação de impostos;	Busca da ascensão política e visibilidade perante o Estado Brasileiro; Minas Gerais não mais submissa ao Estado Brasileiro;	Minas é o estado mais rico, populoso e com maior extensão territorial do Brasil;	Alegavam que o dinheiro arrecadado dos impostos da região sul do estado sustentava boa parte do território do restante do estado de Minas Gerais;

No contexto da Revolução Federalista, o jornal “Minas do sul”, de 1893, se inseria também num contexto de desenvolvimento industrial agrícola do Estado de Minas Gerais; no contexto de fortalecimento do partido Republicano no estado; e, quanto ao Movimento Separatista, alegavam indignação com o aumento da arrecadação de impostos e buscavam ascensão política e visibilidade perante o Estado; não mais queriam o Estado de Minas submisso ao Estado Brasileiro, por ser o estado mais populoso e com maior extensão territorial do Brasil, alegando, inclusive, como há quase meio século, que o valor arrecadado com os impostos na região sul do estado sustentava boa parte do restante do Estado de Minas Gerais.

3CONCLUSÃO

Com base nos dados apresentados no decorrer desse artigo, pudemos identificar como a relevância da leitura e seus diferentes aspectos contribuíram para o crescimento econômico, político e cultural de Minas Gerais.

No auge da mineração e formação do Brasil, Minas ganhou destaque a partir da ascensão política nacional da classe de comerciantes e produtores de gêneros de subsistência, devido ao pioneirismo da imprensa mineira e consequentemente da circulação de ideias e valores dessa classe dominante, que expressava as características e cobiças da elite mineira.

Essa elite ficou conhecida nacionalmente através de jornais e diferentes suportes escritos, do manuscrito à imprensa, desenvolvendo práticas de leituras a partir de sua característica estética, que promove uma leitura de acordo com seus sentidos e suas bagagens culturais e o que contribuiu diretamente para a ascensão e reconhecimento de Minas Gerais no cenário nacional.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. 5ª ed., São Paulo: Estação Liberdade, 2011.